

UMA LEITURA DO CORPO-OBJETO NEGRO NO POEMA *BLACK FRIDAY*, DE CRISTIANE SOBRAL

André Luiz Souza da SILVA¹
Universidade Federal da Paraíba
andreluiz.bans@gmail.com

Priscila Soares de OLIVEIRA²
Universidade Estadual da Paraíba
priscilaoliveira09@outlook.com

Silvanna Kelly Gomes de OLIVEIRA³
Universidade Federal da Paraíba
silvanna.gomes@academico.ufpb.br

RESUMO: É perceptível que a literatura contemporânea tem se debruçado cada vez mais no viés da crítica política. Diante da literatura afro-brasileira, a temática não está distante, já que se encontra alicerçada aos movimentos negros, compreendendo as malevolências das atitudes racistas que discriminam, violentam e sexualizam o corpo negro. Sendo assim, esse artigo tem o objetivo de analisar um poema de Sobral intitulado *Black Friday*, presente na obra *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014), a fim de refletir e avaliar a objetificação da mulher negra e o modo como este corpo, que por vezes é silenciado, tem galgado empoderamento. A metodologia, por sua vez, é de caráter interpretativista, o que concerne à natureza qualitativa da análise. Nesta análise, à medida que o eu lírico se configura enquanto mulher além de sua (hiper)sexualização, seu corpo passa a ser empoderado, erótico, mas para si e por si. Compreendemos, pois, que o corpo feminino negro passa a ressignificar a serventia atribuída a ele e migra para um processo de subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: literatura afro-brasileira; corpo feminino negro; *Black Friday*.

A READING OF THE BLACK OBJECT-BODY IN THE POEM *BLACK FRIDAY*, BY CRISTIANE SOBRAL

ABSTRACT: It is noticeable that contemporary literature has increasingly focused on political criticism. In the context of Afro-Brazilian literature, the theme is not distant, as it is anchored in black movements, understanding the malevolence of racist attitudes that discriminate, violate and sexualize the black body. Therefore, this article aims to analyze a poem by Sobral entitled *Black Friday*, present in the work *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014), in order to reflect on and evaluate the objectification of black women and the way in which this body, which is sometimes silenced, has gained empowerment. The methodology, in turn, is interpretative, concerning the qualitative nature of the analysis. In this analysis, as the lyrical self configures itself as a woman beyond her (hyper)sexualization, her body becomes empowered, erotic, but for herself and by herself. We understand,

¹ Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

² Mestranda do programa PPGLI/UEPB - Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade.

³ Professora Adjunta na área de Literaturas Comparadas de Língua Portuguesa e Ensino da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

therefore, that the black female body begins to give new meaning to the service attributed to it and migrates to a process of subjectivity.

KEYWORDS: afro-brazilian literature; black female body; Black Friday.

1 INTRODUÇÃO

A literatura torna-se crítica quando há um movimento que resulta da propagação e da mensagem política, quando não há apenas a fruição do texto literário, mas também uma provocação que surge a partir dele, ou seja, quando se levam em consideração aspectos linguísticos e semióticos para uma leitura mais profunda. Nesse sentido, a literatura é política, porque nos possibilita o debate de problemáticas sociais, de práticas do nosso cotidiano e da denúncia de casos do racismo estrutural. De modo mais específico, a literatura de autoria negra feminista traz uma abordagem que nos instiga como leitores e sujeitos sociais, pois nos possibilita refletir.

Assim, é de fundamental importância a atitude crítico-reflexiva acerca dos assuntos sociais abordados de forma que possamos, a partir da literatura, conhecendo ou não a realidade abordada pelo texto, dar visibilidade a esse cenário desolador que envolve, na maioria das vezes, práticas racistas e misóginas. Por isso, a fala das minorias políticas representadas por mulheres pretas é imprescindível, uma vez que é dessa forma que podemos conhecer realmente a perspectiva em que tal grupo, reforçado por demandas interseccionais, está inserido, bem como ouvir suas múltiplas vozes.

Sendo assim, o presente artigo tem por finalidade trazer uma discussão acerca do poema “Black Friday”, da autora Cristiane Sobral, averiguando de que forma a objetificação da mulher negra incide sobre seu corpo e sua subjetividade, e o modo como este corpo, que por vezes é silenciado, ganha empoderamento. A pesquisa surgiu de uma inquietação a partir da

leitura do poema, no qual pudemos perceber marcas de uma história social, carregada de recortes de gênero e de raça.

Ademais, este trabalho busca apresentar a autora Cristiane Sobral, mulher negra e feminista, que milita em seus poemas sobre as vivências de luta da comunidade negra, por meio de uma escrita acessível, de forma que convida o público em geral a compreender e a fazer parte dessa escrita. Como justificativa, é importante trazer essa discussão sobre a objetificação do corpo feminino, mais especificamente sobre como o corpo da mulher negra é estigmatizado como objeto sexual, o que é explorado no poema “Black Friday”. A metodologia desta análise é de caráter bibliográfico de cunho interpretativista, ou seja, com a coleta de dados informacionais que possibilitem a construção das ideias aqui apresentadas, pois, como bem sintetiza Durão (2015, p. 382), “o cerne da pesquisa em literatura acontece em torno da interpretação”.

Para tanto, nosso artigo apresenta um total de três seções. Adiante, apresentaremos uma breve contextualização da literatura afro-brasileira; logo após, mais detidamente, discorreremos sobre a escrita de mulheres na literatura, com um enfoque na vertente negra. Feito isso, discutiremos sobre como o corpo da mulher é alvo da objetificação e, paradoxalmente, como fonte de poder. Por conseguinte, apresentaremos a autora Cristiane Sobral mediante a análise do poema *Black Friday*, pontuando sobre sua construção linguística e sua temática.

2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

A literatura afro-brasileira é uma vertente da literatura brasileira voltada para o reconhecimento cultural e artístico da comunidade negra, em que estão presentes vivências e costumes relacionados a séculos de história e lutas. Destaca-se por conter livros temáticos que descrevem e reafirmam os ideais e costumes afro-brasileiros, lançando mão de uma

identidade que, longe de ser fixa, apresenta-se em uma pluralidade literária – entre autorias e produções.

Dessa forma, podemos compreender que a literatura afro-brasileira obteve seu desenvolvimento a partir do século XX, mas teve seu auge, sobretudo, no século XXI, com a ampliação do seu arcabouço artístico contemporâneo e dos direitos à cidadania cultural. Sendo assim, compreendemos que esta literatura beira o caráter ideológico e autoficcional, haja vista que os autores retratam suas “escrevivências”, isto é, como afirma Conceição Evaristo, uma escrita repleta de vida, de experiências, logo, política. Tal como nos diz Luiza Lobo:

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo) (Lobo, 2007, p. 315).

Essa estereotipação dos personagens negros aparecem no debate contemporâneo, resgatando a construção dos seus lugares durante a história da literatura brasileira. Ao passo da mudança de perspectiva de “objeto-passivo” para “sujeito-ativo”, a voz negra conta as próprias histórias nas obras e passa a integrar o rol de autores e autoras negras no contexto brasileiro em ascensão. Cristiane Sobral, Cidinha da Silva, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Sérgio Vaz, Ana Maria Gonçalves, entre outros, são exemplos de autores que galgaram um espaço da produção afro-brasileira, embora ainda haja vários impasses – racismo estrutural, cânone literário – que não os reconhecem da forma igualitária em relação à produção branca.

Mesmo assim, a referida literatura ressignifica sua identidade no cenário pós-moderno, trazendo uma representatividade literária que vem desde o século XIX, sobre a qual Duarte (2010, p. 120) afirma que: “É inegável que a afro-brasilidade, aplicada à

produção literária enquanto requisito de autoria e marca de origem, configura-se como perturbador suplemento de sentido apostro ao conceito de literatura brasileira, sobretudo àquele que a coloca como ‘ramo’ da portuguesa”. Isto é, o autor acredita que mais importante que o “sujeito de enunciação próprio”, em que um eu lírico ou um narrador se autoproclama negro ou afrodescendente, é o ponto de vista adotado.

Por outro lado, há também quem defenda a literatura de autoria negro-brasileira com um sentido que contemple mais as singularidades da realidade brasileira, tal como a citação a seguir:

Atrelar a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate o racismo brasileiro. E não se assume como negra. Ainda a continentalização africana da literatura é um processo desigual se compararmos com outros continentes. Países com sua singularidade estético-literária são colocados sobre um mesmo rótulo (Cutí, 2010, p. 36).

Sendo assim, a literatura afro-brasileira, ou negro-brasileira, afirma-se com a exigência do seu pertencimento a determinadas realidades histórico-culturais, fazendo com que o sujeito enunciativo negro, quando houver, também represente coletividades. Segundo hooks (2019), o pessoal é político, logo, o “eu” é agente revelador de estruturas de determinadas comunidades. Então, além da autoria negra, são indissociáveis as temáticas abordadas e a construção de uma literatura político-social.

3 O MOVIMENTO FEMINISTA NA LITERATURA: UM ENFOQUE NA VERTENTE NEGRA

Atualmente, abordar sobre o feminismo é falar sobre pluralidade de perspectivas, uma vez que existem diversas vertentes de feminismos – feminismo liberal, transfeminismo, feminismo negro, lesbofeminismo etc. –, ou seja, neste movimento social não há homogeneidade. Nessa celeuma, a interseccionalidade visa às considerações não apenas de

gênero, mas também de raça e classe social, tendo um projeto político mais amplo. Como um movimento de larga representatividade, percebemos seus traços em diversas composições artísticas, nesse caso em específico, no campo literário, com a ascensão da escrita de autoria de mulheres.

É sabido que foi a partir de meados do século XIX que raras mulheres literatas passaram a assinar com seus próprios nomes dentro do contexto brasileiro, mas de forma tímida, já que ainda eram usados pseudônimos masculinos para esconder o nome das reais escritoras, por causa do preconceito da sociedade da época em relação ao “segundo sexo”. Como sempre, regado a muita luta, movimentos feministas modificaram essa realidade, dessa vez, com autoras feministas (brancas e burguesas) presentes no campo literário.

Como se pôde perceber, é válido ressaltar que essa mudança não contemplou todas as escritoras, a exemplo de Maria Firmina dos Reis, maranhense oitocentista, autora do livro *Úrsula*, que não foi reconhecida na época de sua produção não somente por ser mulher, mas também por ser negra. Ou seja, sabe-se que até na arte literária, a questão de raça se sobressaiu, fazendo com que as mulheres brancas tivessem privilégios de publicação a mais do que as mulheres negras, embora ambas sofressem a discriminação por força de gênero.

Com tamanhos entraves sociais, a busca por representação das minorias foi cada vez mais evidenciada, principalmente na segunda metade do século XX, e a voz das mulheres ganhou eco, trazendo assim a condição que foi negligenciada por séculos: a da mulher negra em seu espaço social. Escrever a partir da própria vivência reforça a ideia de que o feminismo negro surgiu a partir dessa visão, sendo ele um movimento de mulheres atuantes tanto na esfera da discussão de gênero quanto na luta antirracista. Sobre o movimento feminista negro, a filósofa Angela Davis aponta que, quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura social, seu meio e seus derivados se movimentam com ela.

No entanto, é importante considerar que esse movimento não é unânime e que, mesmo as ficcionistas negras ascendendo na literatura, ainda há risco de ter um público restrito ou de um sucesso ou visibilidade que pode se dissipar passada a “moda” entrelaçada pelo mercado editorial. Sobre tal reflexão, hooks aponta sobre autoras de ficção negras:

Toda vez que alguém comenta sobre a “tremenda” atenção que escritoras negras estão recebendo, sobre como está sendo fácil para nós encontrar editores, sobre quantas de nós existem, eu paro e conto, faço listas [...]. O que temos percebido é que o número de escritoras negras de ficção publicadas com visibilidade não é grande. [...] Escritoras negras publicadas, mesmo aquelas que são famosas, estão bem cientes de que seus sucessos não garantem que seus livros estejam nas prateleiras daqui a alguns anos. Elas sabem que o espírito do modismo da nova mercadoria que estimula muito do interesse atual na escrita de mulheres negras pode se dissipar (2019, p. 290-291).

Com isso, embora o espírito de “modismo” possa estar reinando atualmente em relação à ficção negra, não há mais como desconsiderar a limitação que existe na leitura das vivências de mulheres negras sob a perspectiva masculina e branca, objetificando e sexualizando seu corpo. Ao contrário disso, é preciso evidenciar a importância da validação da crítica e da continuidade dos projetos editoriais para as mulheres negras, buscando dar voz e representar outras mulheres que, em um contexto brasileiro, não tiveram (muitas ainda não têm) legitimidade. Ou seja, é necessário que esse movimento contribua para a ampliação desse local de fala e ainda mais para o conhecimento acerca das suas histórias e suas lutas.

Se a colonialidade atravessa a vida das mulheres, sobretudo as escritoras, enquanto feministas negras, tem havido um esforço conceitual na direção de uma análise que enfatiza a intersecção das categorias de raça e gênero, porque as categorias invisibilizam aquelas que são dominadas e vitimizadas sob a rubrica das categorias “mulher”, ignorando as categorias raciais “negra”, “hispanica”, “asiática”, “nativo-americana”, “chicana”, as quais contemplam as especificidades desses grupos (Hollanda, 2020). Isto é, não se deve essencializar a identidade “mulher” sob o risco de se esquecer dessas mulheres negras.

Pensando nesse processo de luta por legitimidade dentro do campo literário, é possível fazer emergir diversas vertentes que propiciem o fortalecimento do contexto da literatura afro-brasileira: a escrita de mulheres negras; os movimentos sociais atravessando as produções; o acesso às cotas raciais em espaços acadêmicos; o debate profícuo acerca do racismo, entre outros. No contexto dessa produção, a seguir, focalizaremos o empoderamento do corpo feminino negro diante da sociedade que o sexualiza e o objetifica.

4 O CORPO DA MULHER NEGRA: REFLEXÕES SOBRE SEXUALIZAÇÃO E EMPODERAMENTO

O corpo negro é um corpo com marcas. A história remonta à narrativa segregadora, excludente e escravagista desse corpo. Desde o Brasil Colônia, ele é tido como objeto de poder de todos aqueles que possuem capital, a partir do viés da escravização. Foi e ainda é um corpo majoritariamente associado ao trabalho doméstico, rural, de plantio, de construção civil e de tudo mais que demande força e trabalho árduo. Sendo assim, a mulher negra é um desses corpos, que, tal como os homens, era objeto de exploração sexual dos senhores e hoje passa por novos modos de objetificação. Sobre essa relação entre o corpo e o trabalho, González (2020, p. 129) ratifica:

Lidar, por exemplo, com a divisão sexual do trabalho sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco. Falar de opressão à mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas.

Essa ideia alude ao fato de que, desde longínquas eras, essas mulheres negras são, muitas vezes, inferiorizadas. Elas poderiam ser amantes, mas não esposas, em contextos escravocratas. De acordo com Souza (2018), são as características dos corpos que determinam sua aceitação e os enquadra enquanto aceitos ou não mediante seu comportamento e

utilidade. Ao tratarmos dos corpos de mulheres negras, a submissão é alicerce da negação desse corpo. Tão verdade é que a narrativa literária e produção de teledramaturgia de *Xica da Silva* estabelecem o rompimento desse enquadramento, pois posicionam a personagem num papel social tido para mulheres brancas. Assim, estabelecemos que:

Os corpos que narram tanto sobre quem somos, que representa muito de nossos espaços, que cobrem muitas vezes um interior sofrido, é recoberto por uma cultura que segrega e que diminui, escolhendo e valorizando corpos, ditando importância. Julgando por quais corpos a sociedade deve se 'compadecer', as notícias de vidas ceifadas aparecem nos jornais enquanto alguns almoçam (Souza, 2018, p. 57).

Nessas narrativas, os corpos se configuram importantes ou não; entre mulheres e homens, inferiorizam-se as mulheres; entre negras e brancas, marginalizam-se as negras. Por isso, é necessário refletirmos acerca do racismo estrutural sobre o qual se fundam os valores que têm dominado as ações humanas e políticas, reverberando lógicas colonialistas violentas. No contexto contemporâneo, o capitalismo faz com que a “carne mais barata do mercado” se torne a carne negra. Logo, abordar sobre esse tema é um dos caminhos para a construção de uma sociedade mais consciente, na qual todos os corpos habitem de maneira democrática.

Por outro lado, atualmente, a história do corpo negro não deve ser apenas associada a tragédia, sexualização e sofrimento, uma vez que ele também pode se reconfigurar. Dessa forma, com a ressignificação desse lugar de corporeidade, reestabelecem-se diretrizes novas para o processo de identidade. Por causa disso, acreditamos que:

O erotismo surge como uma das formas de empoderamento feminino. O poder sobre esse corpo, que já foi vítima, de abusos e hipersexualização, agora pertence à mulher. É ela quem delimita as barreiras do que pode ou não pode ser feito e de que forma ela deseja que seja feito (Pestana, 2017, p. 57).

Assim, quando estabelecemos essa ideia de empoderamento, cremos que, por meio dela, os sujeitos se apropriam de concepções e agem com a finalidade de modificar os

espaços sociais por intermédio de novas atitudes políticas. Essa aceitação é baseada no reconhecimento do corpo como espaço de potência, de questionamento do outro, de discursos emergentes sobre novos parâmetros de beleza e resistência. O empoderamento de um corpo, antes objeto massacrado pelo colonialismo, é enraizado na compreensão de quem se é, de tal maneira que os sujeitos emanem sua cultura e resistência com a finalidade de repensar os padrões dominantes.

Portanto, é necessário compreender que “[...] nascer e se assumir negra é resistência. E para que pensemos em mudanças estruturais, é necessário espaços para o debate sendo este uma alternativa para que haja uma quebra nessas ideologias da classe dominante” (Teixeira; Queiroz, 2018, p. 6). Então, a dominação de determinadas classes é baseada na segregação, na exclusão e na negação, não só dos corpos, mas também da própria história. Já resistência, empoderamento e aceitação são palavras-chave no processo de luta. A partir disso, passemos a refletir sobre o processo de ressignificação do corpo negro mediante a poética de Cristiane Sobral nos versos de *Black Friday*.

5 ANÁLISE DO POEMA: CRISTIANE SOBRAL E A LEITURA DE *BLACK FRIDAY*

Cristiane Sobral é atriz, escritora e dramaturga, nasceu na zona oeste do Rio de Janeiro, no bairro Coqueiros, em 1974, e hoje mora em Brasília. Aos 16 anos, ingressa no Ensino Superior e torna-se a primeira atriz negra a se formar em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília. Dedicou-se na atuação profissional, abordando temas sociais, de forma que foi em 2000 que Cristiane dedicou-se aos meios literários, a partir do volume 23 dos *Cadernos Negros*.

Também foi colunista para a revista *Tablado* sobre crítica teatral. A autora já realizou trabalhos para cinema, televisão e teatro, e atualmente, além de ser assessora de cultura para a embaixada da Angola, continua escrevendo outras obras. Seus livros mais populares são:

Não vou mais lavar os pratos, Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz, O tapete voador e Terra negra, todos abordando a condição da mulher negra na sociedade.

A seguir, faremos uma análise diante da escrita de Sobral a partir de um de seus poemas, o qual está originalmente publicado em *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014). O poema intitula-se *Black Friday*, termos de língua inglesa, os quais literalmente traduzem-se por “Sexta-feira negra”. Trata-se de uma expressão que se refere a um dia inteiro de descontos generosos organizados pelo varejo, sendo criada nos Estados Unidos, onde uma grande liquidação acontece um dia depois do feriado americano de Ação de Graças, um dos mais importantes do país. Essa cultura do *Black Friday*, no entanto, espalhou-se pelo mundo e se tornou um símbolo do capitalismo.

Portanto, já no título, percebe-se que a metáfora de Sobral é feita em relação à liquidação – não àquela dos produtos, mas à liquidação do corpo –, mais especificamente do corpo da mulher negra. Nas seis (6) estrofes e vinte e nove (29) versos do poema, o eu lírico, que é feminino, apresenta uma constatação acerca do corpo da mulher e de sua desvalorização, mas também sobre seu empoderamento. Segue a leitura completa do poema proposto:

Black Friday

Alguns homens sonham com meu corpo
 Entre os seus lençóis
 Eles desejam desesperadamente
 Consumir meu sexo
 Mas não suportariam meu banzo
 Meu clamor
 Não aguentariam vestir a minha pele negra
 Nem por um segundo

Eles poderiam tomar posse de tudo que sou
 E até germinar ali os seus filhos
 Mas sairiam sem olhar pra trás

Esses homens devorariam o meu corpo
 Com ardor

Como lobos sugariam o meu interior
 Até secar meu ventre...
 Impunes, voltariam para os seus lares brancos
 Sem o meu menor pudor

Tenho medo desses homens
 Que rezam para o criador
 Que juram um falso amor
 Eu tenho medo desses homens

Não aceito os seus sorrisos
 Nem me iludo com as suas promessas
 Não sou produto com desconto
 Esqueçam as ofertas

Black Friday
 Meu corpo nunca estará em liquidação!
 Para vocês jamais venderei barato
 O que sempre custará o dobro (Sobral, 2014, p. 63).

Na primeira estrofe, os versos remontam à narrativa da história negra. O corpo cobiçado suscita o sexo justamente pelo estereótipo de um corpo-objeto: “Eles desejam desesperadamente/ Consumir meu sexo”. O verbo “consumir” é relacionado à ideia do *Black Friday*, referente ao famoso dia intenso de vendas e compras. Simbolicamente, o corpo negro vira desejo de consumo, assumindo uma lógica capitalista de desejo repentino e rapidamente saciado, tal como comprar algum produto. Como estabelece Costa (2012), a mulher negra é resumida a um produto disponível para aqueles que a desejam. No entanto, a voz do eu lírico traça a conjunção adversativa “mas” cujo sentido se direciona a um termo africano: “Mas não suportariam meu banzo”. Isto é, a contrariedade surge com a palavra “banzo”, indo ao encontro do significado original que reitera a saudade das terras natais, tristeza, ancestralidade.

Nesse caso, a referência ao termo pode estar relacionada à história raiz, à ancestralidade desse corpo negro que é marcado, muitas vezes, pelo apagamento das subjetividades, ressignificando “banzo” para um sentido mais empoderado. Também, a alusão ao “vestir a minha pele negra” seria uma provocação à ideia do racismo estrutural que

atravessa essa pele, trazendo um peso que “alguns homens” – termo que contém ironia para se referir aos homens brancos, sobretudo – não aguentariam viver. Ou seja, enquanto o corpo está no plano do desejo-consumo, torna-se acessível; ao passo que, se ele passa ao patamar de vivência cotidiana, em que há todas as lutas travadas historicamente, torna-se invisibilizado.

Adiante, as estrofes dois e três emergem da história colonial do estupro pelo qual muitas mulheres – indígenas e negras – sofreram. Não apenas desse tempo, mas também da contemporaneidade, percebe-se que os versos “Eles poderiam tomar posse de tudo que sou/ E até germinar ali os seus filhos/ Mas sairiam sem olhar pra trás” denunciam uma realidade de muitas mulheres brasileiras que são mães solo, as quais constituem lares matriarcais devido à ausência paterna. Embora este fato atinja mulheres de todas as raças e etnias, as mulheres negras são alvo da sexualização exacerbada, logo, possuem um histórico longo de abandonos devido ao racismo e ao machismo que as colocam como mulheres indignas de afetos e de família.

Outro exemplo acerca disso é o caso de muitas empregadas domésticas negras que precisaram abandonar suas próprias famílias para cuidarem de famílias brancas, havendo um processo de invisibilidade por parte dos brancos ou de omissões nos direitos de filhos que viessem a surgir por vias extraconjugais: “Impunes, voltariam para os seus lares brancos/ Sem o meu menor pudor”, isto é, a impunidade que dificilmente é encontrada quando se trata do povo negro (vê-se a violência policial que acomete a população negra diariamente no Brasil e que não “perdoa” um delito sequer).

Assim, essas estrofes retomam a ideia de corpo objetificado, ao considerar que os homens a devorariam, o que é confirmado por Sant’Anna (1993, p. 28):

Esse gesto patriarcal, escravocrata e feudal confirma, no plano econômico, suas características psicanalíticas. Procura-se incorporar o corpo do outro,

canibalística e eroticamente, assim como a criança procura incorporar o objeto do desejo [...] o feitor e o senhor de engenho rondam as escravas como sanguessugas e vampiros, exercitando, econômica e eroticamente, sua oralidade perversa.

Já na estrofe quatro, o eu lírico aguça a crítica social ao apontar que os mesmos homens que a desejam também são os que clamam na igreja aos domingos e que no altar juraram fidelidade às suas esposas. Assim, o eu lírico traz à tona a demagogia daqueles brancos que seguem a lógica cristã da monogamia no plano teórico, mas na prática se utilizam da hipocrisia para satisfazer seus desejos de “consumo” do corpo negro. A crítica às falsas promessas se referem não apenas ao que eles afirmam frente ao altar, em seus casamentos protegidos pela religiosidade, mas também ao que eles prometem às mulheres negras: “Tenho medo desses homens/ Que rezam para o criador/ Que juram um falso amor/ Eu tenho medo desses homens”.

Nesse viés, percebe-se que o medo pode aludir às experiências de traumas coloniais associados ao estupro e à exploração, como também ao medo das emoções positivas – amor, respeito, validação –, já que elas aparecem ligadas à falsidade, à devoração/destruição do corpo negro pelo homem branco. É mediante isso que concordamos com Costa (2012, p. 127):

A historiografia dá mostra de que, frente ao sucesso das estratégias da cultura patriarcal/colonial brasileira quanto à repressão sexual/racial e de um sistema político de dependência socioeconômica, associado a uma frágil consciência crítica sobre si própria e o mundo à sua volta, a mulher negra vivenciou o espaço da exclusão social sob relações de dominação nas quais sempre fora tratada como objeto.

Essa exclusão social torna-se resistência na luta contra os estereótipos e a segregação racial. A mulher negra acaba por empoderar-se ao passo que se reconhece negra e alvo dessa exclusão. Isso fica evidente ao lermos “não sou produto com desconto”, na quinta estrofe, da mesma forma em que reconhece que as promessas não a iludem. No verso “Esqueçam as ofertas”, o eu lírico se posiciona de modo a rasurar o sistema capitalista que devora o corpo

negro como uma “carne barata”, trazendo a negação e o barateamento dos corpos escravizados – comprados e vendidos como objetos – e, metaforicamente, das “ofertas de mercado” que esvaziam o sentido mais profundo do sujeito.

Na estrofe final, o eu lírico traz termo que intitula o poema e afirma que seu corpo nunca estará em liquidação, enfatizando o empoderamento de si e de seu corpo, inclusive pelo uso do sinal de exclamação junto ao termo – “liquidação!”. Este recurso gráfico é direcionado à área emotiva da linguagem, assim, também enfatiza os sentimentos fortes do eu poético, podendo revelar a indignação e o grito de luta. Ademais, os termos “nunca”, “jamais” e “sempre” presentes respectivamente nos versos “Meu corpo *nunca* estará em liquidação!/ Para vocês *jamais* venderei barato/ O que *sempre* custará o dobro” são advérbios que simbolizam uma força discursiva que desenha uma nova história.

O último verso, a propósito, pode simbolizar a dívida histórica que deve ser paga pelos homens brancos – exploradores –, trazendo uma reparação nos direitos de existência do povo negro. “Custar o dobro” é uma provocação que reforça o alto valor atribuído à negritude que se veste de empoderamento e não mais aceita ser “oferta”. Embora, como afirma Costa (2012, p. 127-128), “[...] no contexto falocêntrico/patriarcal, a sensualidade da mulher negra sempre esteve moldada por uma série de estereótipos racistas, transformando-a em um mero objeto passível da exploração de qualquer natureza”, isso não a impede de ressignificar seu posicionamento político em função da demolição dos arraigados sistemas que sustentam o racismo estrutural.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto apresentado neste artigo, podemos perceber a importância histórica, social e literária do movimento negro, haja vista que sua vertente política alcança debates imprescindíveis para a continuidade de uma luta antirracista. Para tanto, a partir da

apresentação de um breve contexto sobre a literatura afro-brasileira, apêndice importante da construção de novas identidades para a literatura nacional, buscamos fazer com que as reflexões políticas ganhassem um arcabouço na formulação do que se compreende “literário”, ao discutirmos acerca da legitimidade de produções e da configuração do termo “negro-brasileiro” como possibilidade.

Ademais, a relação tecida entre esse campo literário, com seus impasses e seus ecos, e a questão do feminismo negro faz com que o essencialismo “mulher” seja problematizado sob o risco de homogeneizarmos a diversidade negra – pautada em demandas sociais, étnicas, de gênero e sexualidade etc. – existente nos feminismos plurais. Essa ampliação da vertente negra assegura que a vivência subjetiva de mulheres pretas seja validada por meio da literatura, o que não significa criar um distanciamento entre essas produções e outras já legitimadas. Ao contrário, propõe-se buscar um fortalecimento dessas obras que também devem ser lidas e validadas.

Nessa mesma perspectiva, a dualidade existente entre o corpo-objeto e o corpo-sujeito é parte do debate aqui levantado acerca dessa produção feminina negra. Isto é, mesmo que se perceba uma tendência a sexualização e destruição do corpo da mulher preta de maneira recorrente, analisamos que seu empoderamento pode partir do erotismo e do questionamento dos modelos de comportamento padrão branco. A partir dessas inquietações, presentes na literatura, é possível construir um viés de resistência do corpo que se enuncia como sujeito de sua própria história.

Para tanto, na leitura crítico-interpretativa do poema *Black Friday*, de Cristiane Sobral, lançamos mão de uma leitura por estrofes, averiguando as nuances estilísticas, lexicais e semânticas, sobre as quais os debates levantados nas seções do artigo entrelaçam a literatura afro-brasileira como luta, o feminismo negro como suporte e a visibilidade de um corpo negro empoderado como rasura do sistema patriarcal e racista, assim, buscamos

ratificar os ideais políticos, ideológicos e culturais que permeiam a produção poética, repleta de escrevivência, de Cristiane Sobral.

Desse modo, colocamos em xeque a relevância dessas leituras poéticas, ancoradas por uma análise mais aprofundada, como estratégia pedagógica decolonial e antirracista para o ensino de literatura. Com isso, enxergamos uma possibilidade de trabalho com o texto poético que abrange inúmeros temas, a saber: racismo estrutural, corpo empoderado, corpo-produto, capitalismo, luta e resistência, casamento, misoginia, hipocrisia, entre muitos outros. Além destes, a escolha de uma autora negra para a abordagem em sala de aula alavanca propostas teóricas já estudadas no âmbito acadêmico.

Por fim, ensejamos que este artigo seja ponto de partida de outros estudos, já que ele apresenta um caráter de discussão, passando ao largo de respostas absolutas. Pretendemos que haja, dessa maneira, uma contribuição efetiva tanto para a crítica literária quanto para o ensino de literatura (cf. Sousa, 2015).

REFERÊNCIAS

COSTA, M. S da. Forma literária/forma social: mecanismos de poder e sedução. *In*: LINS, J. N. (org.). *Nos domínios da linguagem: entre discurso, literatura e linguística*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 127-141.

CUTI, L. S. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 26, p. 13-71, 2011.

DUARTE, E. de A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Repensando as Histórias da Literatura*, v. 14, n. 23, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>. Acesso em: 21 nov. 2024.

DURÃO, F. A. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 31, especial, p. 377-390, 2015.

- EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. B.; SCHNEIDER, L. (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Editora Universitária Ideia, 2005. p. 201-212.
- GONZALEZ, L. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.
- HOLLANDA, H. B. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- HOOKS, b. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.
- LOBO, L. *Crítica sem juízo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- PESTANA, C. V. A. *A mulher negra nos poemas de Cristiane Sobral – Luta, valorização e empoderamento*. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.
- SANT’ANNA, A. R. *O canibalismo amoroso: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia*. São Paulo: Círculo do livro, 1993.
- SOBRAL, C. *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*. Brasília: Ed. Teixeira, 2014.
- SOUSA, M. C. de. *Literatura afro-brasileira e protagonismo da beleza negra*. 2015. 108 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras - PROFLETRAS) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2015.
- SOUZA, D. D. *A territorialidade envolvendo os corpos das mulheres: as relações de poder e conflitos no Campus III – UEPB*. 2018. 64 f. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.
- TEIXEIRA, M. S. S. P.; QUEIROZ, J. M. Corpo em debate: a objetificação e sexualização da mulher negra. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES *Anais [...]*. 2018. p. 1-8. Disponível em:
<https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando> HYPERLINK
"https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_M D1_SA24_ID402_17072017210303.pdf"/trabalhos/TRABALHO_EV072_M D1_SA24_ID402_17072017210303.pdf. Acesso em: 16 maio 2019.